

PARANÁ I FEVEREIRO DE 2011 I EDIÇÃO 06

Cintia Aleixo
Camila Rodrigues
Tiemi Lobato
Gabriela Pinheiro
Andréa Moraes
Juliana Dacoregio
Eder Alex
Fred Gazzola
Daniel Zanella

Relevo

Edi torial

A crônica como um subgênero aos olhos dos críticos literários, um gênero menor e desigual diante do veredito dos contistas e romancistas, entretanto, essencial aos que a praticam. Historicamente, a crônica sempre esteve relacionada ao cotidiano de seus leitores, transmutada numa prosa acessível e corriqueira, capturando elementos narrativos de todos os gêneros literários, camaleônica, dividindo o café da manhã em tom maior.

[Também por isso acusada de linguagem preguiçosa e superficial.] Apesar da menor circulação dos impressos nos tempos atuais - quando os periódicos se colocarão à serviço de seu tempo? - ela segue caminhando segura na rotina dos leitores, agora em novos espaços, mais colaborativa e libertária, em blogues de visibilidade específica e públicos cativos, em coletivos literários amplos, o leitor como um espião privilegiado da casa do escritor, convivendo com suas paranóias, seus dile-

“O estilo é apenas a ordem e o movimento que colocamos em nossas ideias”.

Georges Buffon,
em *Discurso sobre o Estilo*.

mas, seus erros e inadequações. A sobrevivência vigorosa da crônica diante da lenta agonia dos impressos se deve em grande parte ao seu poder de comunicação, a diversidade de vozes que ela proporciona, a infinidade de possibilidades e soluções. O Relevo pretende perpetuar a crônica no impresso - sua origem e moradia natural - mas para isso é preciso entender os novos tempos. Estamos tentando. Uma boa leitura a todos.

“SONDAGEM”

O carteiro, conversador amável, não gosta de livros. Tornam pesada a carga matinal, que na sua opinião e dado o seu nome burocrático, devia constituir-se apenas de cartas. No máximo algum jornalzinho leve, mas esses pacotes e mais pacotes que o senhor recebe, ler tudo isso deve ser de morte! Explico-lhe que não é preciso ler tudo isso, e ele muito se admira:

- Então o senhor guarda sem ler? E como é que sabe o que tem no miolo?

Carlos Drummond de Andrade

Colaboradores

Camila Rodrigues

Cursa 7º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Colabora com o Lona e publica seus textos no endereço relaxeeblogue.blogspot.com

Marcos Monteiro

Cursa 3º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica suas fotografias no endereço flickr.com/marcos_fe e textos no endereço disfim.wordpress.com

Daniel Zanella

Cursa 3º período de Jornalismo na UP. É colunista do periódico Notícias Paraná e integra algumas coletâneas por editoras independentes. Publica suas crônicas no endereço letrasnumcanto.com.br

Eder Alex

Professor de Comunicação e Expressão de Textos da FACEAR, publica sobre cinema, literatura, HQ, crônicas e contos no endereço devaneiosdocotidiano.zip.net

Peter Hammer

Fotógrafo e cuteleiro, nascido em Assis, São Paulo. Fotografa para agências, jornais e revistas e ministra cursos de cutelaria em Curitiba.

Tiemi Lobato

Antropóloga radicada em Curitiba. Publica seus textos no endereço chicamitipo.blogspot.com

Lisa Alves

Estudante de Jornalismo e Gestão Ambiental, nascida em Araxá(MG) e radicada em Brasília. Colaborou em projetos teatrais (Barão da Ralé - 2004), cinematográficos (O Templo do Deus Capital - 2005), políticos (Manifesto Potencialista -2001) e literários (Trilhas - Coletânea de blogueiros pela CBJE). Publica seus escritos no endereço lisaalves.blogspot.com

Gabriela Pinheiro

Designer curitibana. Publica seus textos no endereço chicamitipo.blogspot.com

Juliana Dacoregio

Jornalista e escritora catarinense, autora de “Diários do Purgatório” - livro autobiográfico de poesia e crônicas -. Publica seus textos nos endereços julianadacoregio.ops-blog.org e amalgama.blog.br

Cintia Aleixo

Cursa 7º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Colabora com o Lona e publica seus textos no endereço cintiaaleixo.wordpress.com

Andréa Moraes

Jornalista radicada em São Paulo, integrou em 2009 a antologia Maus Escritores, organizada por Marcelino Freire, e publica seus textos no endereço visiteedith.com, coletivo literário composto por escritores em início de carreira, fotógrafos e cineastas.

Fred Gazzola

Músico e compositor, vocalista da banda La Vigüela Rock. Publica seu material fonográfico no endereço myspace.com/laviguelarock

✓ Expediente

Edição: Daniel Zanella

Diagramação: Daniel Zanella

Fotógrafo responsável: Peter Hammer

Diretor Comercial: Marcos Monteiro

Impressão: Gráfica Helvética

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 31 de janeiro, 20h

🗨️ Contato

Jornal Relevo no Twitter: www.twitter.com/jornalrelevo

Envie suas crônicas, críticas e sugestões para jornalrelevo@gmail.com



O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.

Choro Bandido

Noite No Apartamento

Daniel Zanella

Fez das tripas a primeira lira.

Não sei... Já ouvi isso em algum lugar, meu amor, mas até que ficou bonito nessa crônica, viu? Essas letras amorosas que nos unem entre um oceano e outro. Mas, antes que me esqueça, não seja assim, tão descarado, roube, mas dê algum crédito... Se você me disser novamente que não existe autor, vou dizer que Rubem Braga está te vendo, viu? Hoje foi um dia cansativo por aqui, sabe, uma dor de cabeça que não me deixa, preciso arranjar um trabalho, vou escrever, vou dizer meus cansaços. Andar pelas ruas estrangeiras assusta um pouco, a rua de minha velha casa não tem tantas coisas, de tanto ver a rua de casa sei que ela é uma rua e é a minha casa, só os objetos particulares não se perdem na memória. E o que será que você faz nesse momento? Que horas deslizam nesse Brasil insalubre? Escreve-me todo dia. Amo? Não sei explicar: do que sei: sinto saudades maiores do que o amor que acho que sinto, uma falta de beijar sem motivo, de dizer uma coisa sem sentido, de rir pra você de qualquer coisa apercebida, da torção de sobrancelha que você faz, da calma que esconde profundezas selvagens, essas coisas todas sobre todas as coisas que acho que é o amor. Hoje é dia de festa no apartamento. Gosto da menina que divide o aluguel, mas ela é um tanto pessimista. Menina, ânimo, você precisa de algum livro? Não, não precisa. Não precisamos de livros. Nem de bibliotecas. Precisamos de amor e de trabalho. Coisa de cronista achar que o mundo encerra nos livros. Uma gente de todo lugar se espalha no apartamento, uma gente de histórias que gostaria de conhecer caso os ruídos de compreensão não fossem tantos. É uma gente de tantas faces rotundas, as latas de cerveja como tentáculos em mãos de algo vazio,

os sorrisos que só os desconhecidos trocam entre si, as especulações amorosas. Bebo pouco, não devo beber muito, sei que não devo. Conheço-me o tanto que preciso. Esse é um tempo de sanidade, preciso lidar com meus demônios, com as distâncias, com as saudades, com os pensamentos de ordem duvidosa, tantos a dizer que essa é a terra da liberdade, que ele nunca vai saber, que é preciso aproveitar - minha mãe, sabe de uma coisa: estou comendo muito mal. Sou um corpo que treme de sua própria carne e alimenta severo as angústias, as flechas agudas do ciúme. Será que ele vai aguentar um ano de separação? Choro lágrimas quase secas quando penso nisso, lágrimas tão densas que quase não querem chorar. Será que vai me esperar? As pessoas por aqui dizem que não e de tanto dizerem que não, a cada dia pergunto as mesmas garantias e peço que diga que me ama, preciso que me diga - embora as palavras venham embutidas de alguma obrigação de dizer que ama. Ele escreve crônicas, ora coisas dentro de mim ora distantes ora perturbadoras. Porque escrever sobre uma moça de chapéu ou uma escritora de cabelos encaracolados? Peço pra que me preserve um pouco de seus devaneios, mas são queixas vãs - o autor e o personagem são um só, embora ele acredite no narrador. Um rapaz acaba de perguntar sobre a aliança que ostento quase deslocada na noite de frio e de rumores alcoolicos elevados. Conheço essa pergunta. Sim, tenho. Ele não está aqui, gosto muito dele, mas isso pouco importa pra você, não é? Cerveja amarga demais. O remédio não resolveu as dores de cabeça. A moça do apartamento acaba de entrar num quatinho com alguém que nunca vi. Acho que vou tomar um copo de água, mais um remédio, trocar de roupa e dormir. Sim, vou dormir.

Boa noite, meu amor.



Foto: Marcos Monteiro

EXATO

CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

Satisfaction

Gabriela Pinheiro



Foto: Peter Hammer

hoje eu tive tempo de lavar o cabelo e fazer a unha. estou só esperando o esmalte secar para poder arrumar o quarto e ir dormir cedo. desde que eu comecei a trabalhar nesse lugar novo eu ando sem tempo para nada. até meu intestino resolveu funcionar na hora certa, meu organismo inteiro sacou que hoje a noite eu tava livre. comi, fiz coco, tomei banho. é a melhor sequência do mundo.

é meio foda ficar assim na função, parece que não sobra tempo pra viver. eu tenho sempre essa impressão de que trabalho não conta como vida. são duas coisas: tua vida tá aqui e teu trabalho tá ali, um precisa do outro. mas o tempo livre só faz sentido quando temos emprego. de nada adianta o tempo livre sem aquela sensação de que ele precisa ser aproveitado ao máximo, antes que chegue segunda-feira ou o fim das férias. eu tava precisando de um emprego período integral, mas ao mesmo tempo eu fico sentindo falta de ficar sem fazer nada um pouco. engraçado como a gente nunca está satisfeito. a satisfação parece ser uma coisa possível e completa, como se quando tudo estivesse certo, tudo estaria certo. mas é bem o contrário, ela é impossível e é o fim de tudo.

Tiemi Lobato

Hora de Dormir

Ando percebendo que tenho muita dificuldade em dormir rápido sem estar bêbada ou ter fumado um cigarrinho de artista. Acontece que há uns 2 dias atrás eu tava nesse esquema de ficar rolando na cama e fiquei pensando no futuro. Sabe, se tem alguma coisa que eu mando muito bem, é planejar o futuro: "vou morar na Argentina, arranjar um emprego, depois vou comprar um carro e um cachorro São Bernardo, e vou pra Patagônia". Acontece, pessoal, que hoje descobri que tenho que entregar minha monografia até dia 25 de junho e, isso significa, que depois do dia 25 eu vou ter o triplo de tempo pra ficar pirando em o que eu vou fazer depois de formada. Na verdade, a vida inteira eu fiz isso de ficar pensando em lugares legais pra morar, empregos susse pra ter, e os cachorros que combinam com cada situação, e olha que nem tinha perspectiva de me formar.

No fim, acho que sempre intercalei 2 anos de estudo com alguns

meses de trabalho trash e viagens. Poxa, eu queria muito fazer especialização, mestrado, doutorado e ser uma acadêmica bonita, importante e influente. Mas às vezes me parece que tramar 1 ano em cada país do mundo vai me fazer muito mais feliz. Tá certo que meus empregos, geralmente, tem tempo de expiração de 1 ano (depois disso não aguento ficar no mesmo lugar), sendo assim, eu teria que morar em vários lugares... O que eu quero dizer é: imagina morar na Austrália e dormir abraçada com um Coala? Bem melhor do que dormir abraçada com "A Ambientalização dos Conflitos Sociais".

Sei lá... Acho que no fundo só tou meio de saco cheio da biblioteca agora que tem um punk fedido pra caralho por lá, bem nos mesmos horários que eu. Também acho que ando meio com preguiça de pensar, sabe? e daí o trabalho escravo vira uma opção atraente. merda.



Foto: Lisa Alves

I Promisse Aceita Logo

Juliana Dacoregio

Não vou demonstrar interesse quando me desinteressar.
 Não vou cozinhar para você.
 Não vou esconder minha mente confusa.
 Não vou me desesperar se você não puder.
 Não vou dizer que sim, quando quero dizer não.
 Não vou conter meu entusiasmo infantil.
 Não vou deixar de tirar meus sapatos e dançar descalça com medo de lhe envergonhar.
 Não vou frear meus desejos.
 Não vou me afastar de meus amigos.
 Não vou viajar acompanhada quando precisar de uma jornada só minha.



Ah, sabe Highlander?
 A solidão é um Highlander. Só morre se você cortar a cabeça fora. O que é muito difícil, já que a solidão está na SUA cabeça, então só se você cortar a SUA cabeça fora. Já que não é recomendável, nem higiênico... Abrace a solidão!
 Também nem adianta tentar sufocá-la com um travesseiro, porque ela respira através de todos os poros, assim como os sapos.
 Então, "táca-lhe" uma música bem alta e aceite: você está sozinho.

Vidros, Folhas e Outras Borboletas

Eder Alex



A porta bateu com violência e eu permaneci à mesa, esperando que voltasse, arrependida. Folhas caídas arrastavam a madrugada lá fora.

Ela do outro lado do mundo e ele apenas do outro lado da rua. Eles não sabiam o que sentir e a distância não sabia o que separar.

Ainda chorando, revirou o quarto. As cartas estavam numa gaveta. Rasgou todas e depois enfiou-as na boca. Não tinham gosto de borboletas.

O vento vai, a vida não volta.

Na fotografia, o sorriso de quem ainda não sabia que o futuro seria ruim. Ela dentro de um vestidinho e, pela janela, a chuva. Parada no ar.

Entre a cabeça e a arma, o vidro, segurança que estilhaça. Alguém buzina, então escapa o tiro. A vida toda passa num minuto: nem duas linhas.

Fiquei olhando para o chão imundo da cozinha, os cacos de vidro espalhados exibiam em seus reflexos minha solidão no plural.

Dazed and Confused

Camila Rodrigues

Era fim de primavera, chovia como se os pingos nunca quisessem parar de cair, como se os pingos também quisessem nos rever sobre a óptica de pingo. Chovia como se fosse um sinal, mas não era. Era fim de primavera e alguns daquela mesa há anos não se viam. Tentávamos encontrar dentro de cada um de nós os velhos meninos [e menina], que um dia fomos. Era um belo dia para reencontros, para repintar memórias, transformá-las em perigo, aumentando suas dimensões, caprichando nas pinceladas, assim como fazem os bons e velhos amigos, como somos.

As autoestimas estavam exaltadas, nossos egos etílicos reverberavam calor, como corpos eletrizados, como aprendemos. Falávamos, interrompíamos-nos, ávidos. Aqueles corpos, de quem a coragem escorria pelas pontas dos dedos na negra e turbulenta adolescência, quase se tocavam, eram condescendentes, cúmplices e íntimos. Uma intimidade inocente, como a mão esquerda é da mão direita. Conjurávamos, amaldiçoávamos, criávamos caso com outros que, assim como nós, tentavam passar pela negra adolescência, com um único objetivo: passar dessa fase de merda sem ferimentos mais graves. Éramos meninos [e menina] sobreviventes, irmãos e, agora, adultos. Jornalista, professor de História, professor de Geografia, radialista, musicista e alguém cuja profissão tem a ver com informática. Algozes de nós mesmos a engendrar planos maquiavélicos e encher nossas veias de um veneno libertador de superego. Nossas feições mudaram muito. Os tons de voz, os

cabelos. Entretanto, dentro de cada um ainda existia um pouco de nós, aqueles velhos meninos [e menina] cheios de pesares e convicções.

O horizonte cobria-se de laranja, insinuava um fim de tarde embebido em água - da chuva - e álcool. E como era boa a sensação, como um bálsamo que acalenta a alma, como um vento forte que naufraga nossos medos, como uma reza que silencia quebrantos, como um solo ao vivo de qualquer música do Led Zeppelin. Éramos menos feios do que pensávamos na época, enfim. Éramos menos pretensiosos.

Um silêncio aterrador perturba minha chegada ao nirvana, o silêncio que precede a partida, a penúltima descoberta. Dizemos junto o sonoro, aflitivo, solitário e definitivo "é...". Ele é o Franz Ferdinand para a despedida. Desde os primórdios, os amigos o evitam com destreza. Sabíamos que ele viria, não tão cedo quando imaginávamos. Meninos [e menina] repetitivos sobre as mesmas bandas de rock, meninos [e menina] perdidos em outra década. Meninos [e menina] decididos em nunca pensar em despedidas. Abraçamo-nos e tomamos o rumo de casa. Meninos [e meninas] saíam de todos os cantos, voltavam para a casa, caminhando entre risos e pedras, voltando da escola, passando por caminhos escuros, atrasados para o jantar. De repente éramos nós, com aqueles uniformes horríveis - os quais, prometi nunca mais usar - em um tom horrível de azul (Royal, se não me falha a memória). Numa sexta-feira de chuva incomum à estação, no último dia de aula. Atordoados e confusos.



Foto: Peter Hammer

Manifesto Contra o Desmatamento do Púbis (Ou em defesa de uma ecologia genital)

Andréa Moraes

Uma das coisas mais irritantes que escuto das minhas amigas é essa moda de depilar o púbis. Caraca! Se tantos poetas já chamaram aquilo de flor, por que arrancar o jardim, a vegetação em volta da caverna? Considero isso a mais absoluta falta de romantismo.

Fala sério! O homem que gosta de xana depilada está revelando uma indistigável vocação para a pedofilia. Pois se até Lolita tinha pelos, por que exigir que uma mulher adulta os arranque? E vamos combinar que esses desenhinhos esculpidos com as pinças dos designers de pentelhos, tipo bigodinho de Hitler - argh, que coisa de nazista! - coraçãozi-

nho, estrelinha e quetais são uma prova de falta de imaginação, recurso de quem tem repertório mental mais estreito do que de filme pornô exibido em motel (ainda se vai a isso?) de quinta categoria.

A mulher que se submete à tortura da cera quente e à lâmina que talha sua pele até encravar seus pelos, criando perebas que detonam visualmente o presente que Deus lhe deu, tá precisando de re-lho. Já que gosta de sofrer pra gozar, então, que apanhe de verdade, nas mãos de uma dominatrix.

Outro dia, uma conhecida me confessou que depila até o ânus. Meu, se o teu marido tem coragem de te fazer a curra,

por que iria amarelar diante de uns pelinhos?

Voltando ao púbis, não me venham dizer que deixá-lo careca ou penteado é uma forma de limpeza. Dispensio a assepsia da gilete. Pelo é proteção natural e nada mais garantido do que uma vagina coberta por muitos deles.

E depois, macho que é macho não quer saber nem se você lavou. Costuma ir direto ao ponto. De preferência, o G.

Na hora do oral, é mentira que pelo atrapalha. A gente que é mulher aguenta os deles. Homem que não pode encarar nossos pentelhos tem que chupar com canudinho. Pelo, no oral, é expressão de

igualdade entre os sexos.

Essa história de que pelo saindo pra fora do biquíni é indecente também não cola. Meu marido mesmo já se queixou que muito homem fica olhando pra minha cara na praia. Aí o ciúme aparece e com ele o impulso agressivo, a cópula tão desejada.

A última vez que depilei a xandanga foi no hospital, antes do parto, cesariana. Então, depilar é coisa de doente, de cirurgia, bisturi, carnificina.

Eu prefiro preservar minha ancestralidade não me rendendo à opressão sexual imposta pelas minhas rivais. Pois se tenho coragem de assumir meus pelos publicamente, imagina o que não sou capaz de fazer entre quatro paredes.

Um Dia de Domingo

Cintia Aleixo

Amanhece. É domingo.

Domingo ensolarado. Um sol de 30° está derretendo os neurônios.

Primavera. As flores estão a colorir a cidade. De repente do céu caem lágrimas. Nada faz sentido, num instante sol, no outro não!

Sentido? Mas o que realmente faz sentido? Não sei! Você sabe? Se souber então me conte. Depois da tempestade vem a bonança, pelo menos é o que diz o ditado. Mas na vida não é bem assim. Após a tempestade vem mais tempestade. Não entendo, nem os pingos da chuva nem os pingos que caem dos olhos. Lágrimas, porque elas existem? Dizem que é para lavar a dor que assombra a alma.

Continuo a não entender, nem vida, nem chuva, nem lágrimas.



Maria

Fred Gazzola

Sempre meio-dia
Essa era a hora de Maria
Acordar

E no pensamento
Lembranças que queria
Apagar

Medos travestidos
Em tolos caprichos
De brincar com o amor

Maria sabia cuidar
Dos seus problemas sozinha
Mas faltava alguém
Pra lhe dar bom dia todo dia

Era quando o sol vinha bater
Na sua janela só pra ver
Maria acordar na solidão

Maria passava
A tarde inteira
A suspirar

Revia os planos
Feitos todo ano
De mudar

Sonhos resumidos
Num olhar perdido
A buscar alguém

Maria sabia cuidar
Dos seus problemas sozinha
Mas faltava alguém
Pra lhe dar bom dia todo dia



Foto: Marcos Monteiro

**ANUNCIE
NO
RELEVO**

jornalrelevo@gmail.com

Revistaria, Loja e Livraria

Zanella

(41) 3643-1123

BREVE NET HOUSE E LOJA
DE ASSISTÊNCIA EM INFORMÁTICA



Rua Gralha Azul, 269, Jardim Industrial
próximo ao Supermercado Supra - Araucária

EDUCAR para o vestibular É SAGRADO

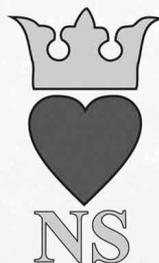


Talissa Chornobay

1º lugar

Letras - PUC-PR

Matrículas abertas
3349-2442
Nicola Pellanda, 699



COLÉGIO NOSSA SENHORA DO
**SAGRADO
CORAÇÃO**